

O PREFÁCIO E OS ASPECTOS DE SUA TEXTUALIDADE

Marilúcia dos Santos Domingos Striquer¹

RESUMO: A partir da proposta teórico-metodológica de análise de textos que privilegia aspectos da textualidade, apresentada por Antunes (2010, p. 13), na obra *Análise de textos: fundamentos e práticas*, interessamo-nos em analisar o prefácio *Sobre peixes e linguagem*, de Marcos Bagno, texto integrante da referida obra. Os resultados revelaram particularidades do referido prefácio, como o caráter informal na linguagem empregada pelo autor, o uso de elementos coesivos que envolvem todos os interlocutores como participantes diretos do tema abordado pela obra prefaciada, a construção de um texto com elementos literários que diferem esse texto da construção composicional e estilo relativamente estáveis no gênero textual prefácio.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros Textuais. Prefácio. Elementos de textualidade.

ABSTRACT: From the theoretical and methodological proposal of analysis of texts that emphasizes aspects of textuality, by Antunes (2010, p. 13), in the book *Análise de textos: fundamentos e práticas*, we are interested in analyzing in the preface *Sobre peixes e linguagem* de Marcos Bagno, integral text of that work. The results revealed particularities of this text, as the informal character in the language employed by the author, the use of cohesive elements involving all the interlocutors as directs participants of the issue addressed by the work, a text construction with literary elements that differ this text from the compositional construction and relatively stable style in the preface genre.

KEYWORDS: Text Genre. Preface. Textuality elements.

Introdução

A partir da proposta teórico-metodológica de análise de textos que privilegia aspectos da textualidade, apresentada por Antunes (2010, p. 13), na obra *Análise de textos: fundamentos e práticas*, interessei-me em analisar o prefácio *Sobre peixes e linguagem*, de Marcos Bagno, texto integrante da referida obra, tendo como norte as asserções de Antunes.

Sobre peixes e linguagem cumpre a função sócio-comunicativa do referido gênero do discurso/textual de não ser apenas um texto introdutório e descritivo de uma obra, mas a materialização de um discurso de autoridade que anuncia uma obra, apresentando uma retórica de persuasão e promovendo um engrandecimento do que será exposto (CARGNELUTTI, 2008). Contudo o referido texto expõe uma organização da textualidade, à primeira vista, diferente dos prefácios de uma forma geral. Dessa forma, se para Antunes (2010, p. 29), “nenhuma ação de linguagem acontece fora da textualidade”, motivei-me em investigar a textualidade que se estabelece e constitui o prefácio em questão, norteadas pelos pressupostos teóricos da Linguística Textual.

1 Preceitos da Análise textual dos discursos

De um modo geral, a proposta de Antunes (2010) consiste em analisar os aspectos globais e os aspectos mais pontuais que contribuem para a construção dos sentidos de um texto. Mas, antes da exposição das definições mais específicas do que são esses aspectos, destaco que a assertiva da autora é a de que “em qualquer língua, e em qualquer situação de interação verbal, o modo de manifestação da atividade comunicativa é a textualidade ou, concretamente, um gênero de texto qualquer” (ANTUNES, 2010, p. 29). Preceito que se liga a noção de Adam (2011, p. 45) (referenciado na obra de Antunes), para quem toda e qualquer unidade linguística, uma única palavra que seja, só tem sentido na construção que ela ocupa

¹ Doutora em Estudos da Linguagem. Professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Jacarezinho. Pesquisadora do Grupo de pesquisa: Diálogos linguísticos e ensino: saberes e práticas (CNPQ/UENP). Endereço eletrônico: marilucia@uenp.edu.br

dentro de um texto. Assim, conforme a posição, a palavra pode mudar de sentido, pois ela se relaciona com todas as outras palavras que formam o texto, e ainda, com aquelas que formam enunciados anteriores, integrando valores e ecos de outros usos.

Então, os aspectos globais envolvem tudo aquilo que “confere ‘centralidade’ e ‘unidade semântico-pragmática’” a um texto (ANTUNES, 2010, p. 23 – grifos da autora), assim, em uma análise, o foco centra-se no eixo da coerência textual, englobando: (1) o universo de referência para o qual o texto se remete; (2) a unidade semântica; (3) a progressão do tema; (4) o propósito comunicativo; (5) os esquemas de composição: tipos e gêneros; (6) a relevância informativa; (7) as relações com outros textos.

Já quando o foco de análise centra-se nos aspectos mais pontuais da construção do texto, os objetos são: (a) a coesão e a coerência; (b) os tipos de nexos textuais; (c) a repetição de palavras; (d) a paráfrase; (e) o paralelismo; (f) a substituição de unidades do léxico; (g) a substituição pronominal; (h) a associação semântica entre palavras; (i) os conectores; entre muitos outros aspectos uma vez que, segundo Antunes (2010, p. 58), “é quase impossível enumerar exaustivamente o que podemos analisar nos textos. Uns podem oferecer uma gama maior de elementos, outros, menos, na dependência de uma série de fatores, que, como sabemos, são determinantes para sua composição”. E é exatamente pautada sobre esse fato que não analisei cada um dos elementos que compõem os aspectos globais e os pontuais do prefácio, focalizei os mais relevantes para a compreensão do referido texto, de forma particularizada.

Para uma melhor organização na apresentação dos aspectos analisados, os identifiquei da seguinte forma: os aspectos globais analisados foram marcados com a numeração de 1 a 7; e os aspectos mais pontuais receberam as letras de A a I (como posto).

2 A dimensão global do texto

Tomando como norte o apresentado por Antunes (2010) como sugestão de encaminhamento para análise de um texto, primeiramente, expomos que *Sobre peixes e linguagem* se constitui como um prefácio da obra de Antunes (2010), no sentido definido por Cargnelutti (2008): um texto, constituído por uma retórica de persuasão, que anuncia, apresenta uma obra, escrito por um sujeito com autoridade no tema central da obra prefaciada. Nesse sentido, no que se refere ao universo de referência (1) do qual o prefácio participa, remete às propriedades de um mundo real, estando, assim, inserido no campo social-discursivo instrucional, denominação instituída por Marcuschi (2008), visto que o prefácio participa das atividades de linguagem do campo de divulgação, seja a obra científica, técnica, literária, etc. De forma mais específica, o texto de Bagno (2010) refere-se ao campo do discurso de divulgação científica/acadêmica.

A partir dessa definição, recorri ao quadro de agrupamento de gêneros sugerido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), buscando ampliar a perspectiva de análise de Antunes (2010), a fim de conhecer qual seria o domínio social de comunicação do prefácio, que é, portanto: a “transmissão e construção de saberes” (p. 121), uma vez que o discurso pretende construir um saber a respeito da obra em referência; tendo, assim, como capacidade de linguagem dominante a de expor, de apresentar textualmente “diferentes formas de saberes”: expondo saberes do prefaciante a respeito do tema da obra e expondo a obra propriamente dita, a qual relata/divulga uma experiência científica teórico-metodológica. No entanto, devido à configuração de um discurso formado por retórica persuasiva, principalmente, no caso de *Sobre peixes e linguagem* (BAGNO, 2010), esse texto articula a capacidade de linguagem de argumentar – com a sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição do autor a respeito da temática que forma o prefácio que é decorrente da temática tratada na obra prefaciada. Esses seriam, então, os propósitos comunicativos (4) do texto: apresentar a

obra prefaciada, buscando persuadir seus destinatários a ler/comprar o livro; defender a ideia de que a linguagem se constitui, sempre, dentro de uma textualidade. Portanto, o esquema de composição (5) é formado pela organização de um texto predominantemente argumentativo.

Como subpropriedade do universo de referência, Antunes (2010, p. 66) destaca a questão da “adequação contextual do texto”, nesse sentido, é que destaco o papel social de Marcos Bagno na construção dos sentidos do texto: Bagno é reconhecido nacionalmente como um linguista atuante nos estudos sobre análise e ensino de língua/linguagem, e, sobretudo, desenvolve estudos na mesma perspectiva teórico-metodológica que Antunes, logo, empregando força argumentativa à proposta da obra.

Outro elemento que forma o universo de referência de um texto, segundo a autora, são os destinatários previstos pelo autor no momento da construção da textualidade. Sendo o propósito comunicativo do prefaciante o de apresentar a obra prefaciada aos leitores da referida obra, seu destinatário são os mesmos da obra em questão: todas aquelas pessoas interessadas nas questões de linguagem, como professores, alunos, profissionais da área da linguagem e de seu ensino e aprendizagem. E, lembrando, devido ao propósito do prefácio ser persuasivo, visto que o gênero está inserido no campo da atividade comercial, refletindo assim questões mercadológicas de compra e venda de um produto, a persuasão é marcada em todos os momentos que o autor relaciona a obra prefaciada como representante direta do estudo e do ensino da língua viva, da língua em sua dimensão textual, resultado da analogia realizada entre o peixe que precisa da água para sobreviver e a linguagem como fundadora do homem como ser humano. Ideia central ou tema esse que confere unidade semântica ao texto (2): a linguagem é o que dá acesso ao homem à realidade do mundo, e a essência da linguagem é “a dimensão textual” (BAGNO, 2010, p. 11).

Importante aqui destacar que é essa proposta de comparação entre o peixe e a linguagem que confere a progressão do tema (3) e promove a “novidade” que confere (6) relevância informativa ao texto de Bagno (2010). De um modo geral, o prefácio em questão traz “um grau de informatividade adequado às suas circunstâncias de circulação” (ANTUNES, 2010, p. 74). Isto é, por ser uma apresentação de um livro, se coaduna totalmente ao tema e a perspectiva teórico-metodológica instituída na obra prefaciada. Contudo, a comparação emprega uma imprevisibilidade ao texto, conferindo-lhe um aspecto literário, diferente do que comumente, ou regularmente, vê-se nesse gênero.

Sobre a (7) intertextualidade, no caso da natureza do processo comunicativo do gênero, o prefácio é literal e completamente um intertexto. A título de exemplificação, uma das proposições apresentadas por Bagno (2010) é a de que “as consequências desse desprezo, para a educação, configuram a tragédia pedagógica que tão bem conhecemos: a redução do estudo da língua, na escola, à palavra solta e à frase isolada” (p.12). Proposição que é uma alusão (CAVALCANTE, 2014) a todo o Capítulo 1 do livro de Antunes intitulado “Uma visão sumária das práticas pedagógicas de análise de textos”. Alguns trechos:

Reféns da concepção de que a gramática é que constitui o objeto ou o foco principal do estudo da língua, as atividades a partir de textos têm servido, principalmente, como oportunidades de exemplificar o uso de determinada categoria morfológica ou de identificar a ocorrência dessas categorias... (ANTUNES, 2010, p. 22)

[...] os professores privilegiam levantar questões a partir de fragmentos dos textos, ou deles retirados, fragmentos que são, na prática, convertidos em frases descontextualizadas (mesmo que sejam versos de um poema), sem referência ao todo do qual são partes significativas (p. 27).

Há, portanto, no prefácio, uma retomada implícita do conteúdo da obra de Antunes, o que se confirma ainda mais se considerarmos a orientação de Adam (2011, p. 53), de que é preciso, sempre, observarmos os enunciados “à esquerda e/ou à direita” de um texto para que

possamos compreendê-lo. Assim, a constatação é a de que o livro todo de Antunes (2010), que está à direita do prefácio, deve ser considerado para a compreensão do texto de Bagno. Justifica-se assim o emprego por Bagno dos elementos coesivos (a) – “esse” e “aqui”, nos respectivos trechos: “Irané Antunes, incansável defensora dos peixes vivos, prossegue aqui em sua luta contra o uso do peixe morto...”; “Por isso, só podemos comemorar, aplaudir e agradecer mais esse manifesto em defesa da linguagem” (BAGNO, 2010, p. 12 –grifos nossos). “Aqui”: no livro; “esse” manifesto: o livro.

Importante esclarecer a interpretação de que o texto de Antunes está a direito do de Bagno. Apesar do texto da autora ter sido produzido primeiro do que o prefácio, na organização gráfica e física, no livro como produto pronto e acabado, o prefácio precede o texto de Antunes.

No que se refere ao que está à esquerda do prefácio, alguns destaques:

[...] os estudos linguísticos durante quase dois milênios desprezaram esse caráter essencialmente textual da linguagem humana. (BAGNO, 2010, p. 11).

A ideia de que uma frase se sustenta sozinha é uma das inúmeras heranças que recebemos da Antiguidade Clássica. (p. 12).

Os trechos fazem menção direta à história dos estudos da linguagem que remontam do século IV a. C., momento em que os gramáticos hindus já elaboravam modelos de análise da língua a partir de seus elementos gramaticais; na Grécia, Aristóteles elaborou uma teoria da frase, distinguiu partes dos discursos e ocupou-se em enumerar as categorias gramaticais. Na Idade Média, os modistas defenderam que a estrutura gramatical das línguas era uma e universal. Nos séculos XVII e XVIII ganhou grande destaque a Gramática de Port Royal (PETTER, 2007). No século XX, Saussure delimita seus estudos no domínio da frase, unidade máxima da sintagmatização. Enfim, a linguagem foi durante muito tempo estudada sob a vertente gramatical, da palavra e/ou da frase isolada.

Porém, essa co(n)textualização do que está à esquerda de um texto, segundo ADAM (2011), depende dos saberes armazenados na memória do leitor/ouvinte. Para o autor, “a memória discursiva é, ao mesmo tempo, o que permite e o que visa uma interação verbal” (ADAM, 2011, p. 57).

3 Aspectos mais pontuais para a construção do texto

De acordo com Antunes (2010) os aspectos mais pontuais dizem respeito à arquitetura do texto propriamente dita, formada pelas regularidades, ou reportando-nos ao preceitos bakhtinianos, a construção composicional e ao estilo do gênero (BAKHTIN, 2003).

Primeiramente, destaco o papel que o emprego da próclise exerce no prefácio. O enunciado que inicia o texto é construído da seguinte forma: “Me ocorre frequentemente a ideia de que nós nos relacionamos com a linguagem assim como os peixes se relacionam com a água” (BAGNO, 2010, p. 11). O prefaciante ao empregar o “me” marca uma informalidade com a presença de elemento da oralidade, se aproximando do leitor, como se Bagno estivesse face a face com o leitor, conversando com ele. No mesmo sentido está o uso do pronome pessoal “nós” - o autor se inclui entre os envolvidos na questão da linguagem, concepções e ensino. Tal estratégia textual deixa explícita a disposição de Bagno para aproximar-se do interlocutor e favorecer a interação com ele.

A referência exerce, portanto, um papel essencial na construção dos sentidos do texto: coloca o prefaciante e leitores como sujeitos dos predicados, das ações realizadas a partir da importância a ser dada pela linguagem na perspectiva teórica proposta pela obra prefaciada, reforçando textualmente o universo de referência do texto (1) como pertencente a

um mundo real. Esses elementos coesivos (a), ou seja, o emprego dos pronomes e verbos que indicam a primeira pessoa do discurso, passam a ser o núcleo do sentido de todo o discurso. Exemplos:

[...] não existimos fora da linguagem, não consequimos sequer imaginar o que é não ter linguagem – nosso acesso à realidade é mediado por ela de forma tão absoluta que podemos dizer que para nós a realidade não existe, o que existe é a tradução que dela nos faz a linguagem, implantada em nós de forma tão intrínseca e essencial quanto nossas células e nosso código genético. (BAGNO, 2010, p. 11 – grifos nossos)

[...] algo que fazemos tão intuitivamente que nunca nos detemos para refletir sobre isso (p. 12 – grifos nossos).

Os interlocutores do discurso, o prefaciante e os leitores, são os que fazem uso da linguagem (tema do texto), e por isso são eles que precisam da obra de Antunes, e, portanto, são apresentados como protagonistas no texto do prefácio. Outro exemplo:

Irândé Antunes, incansável defensora dos peixes vivos, prossegue aqui e sua luta contra o uso do peixe morto, estripado e malcheiroso, que ainda infecta o nosso ensino de línguas, em pleno século XXI. É com ela que aprendemos o que deveria ser óbvio: que ensinar línguas não é pescar, mas mergulhar na água do texto e nadar entre os peixes. (p. 12 – grifos nossos)

Os empregos dos pronomes e verbos de primeira pessoa funcionam como elementos de substituição pronominal (g), no sentido que se referem ao autor e ao leitor do prefácio (e do livro), os quais estão na situação extralinguística (ANTUNES, 2010), mas, são eles, os usuários da linguagem, que ganham com a obra de Antunes, e por isto podem “comemorar, aplaudir e agradecer mais esse manifesto em defesa da linguagem” (BAGNO, 2010, p. 12). Assim, esses pronomes são marcas da progressão e unidade temática (3) no prefácio.

Ressalto ainda que o emprego da próclise na abertura do texto poderia implicar em inadequação às exigências discursivas próprias do gênero, o qual requer um certo nível de formalidade, em uma linguagem acadêmica/científica, contudo a textualidade proposta insere o autor e o destinatário do texto no tema de uma forma interativa, cumprindo o propósito comunicativo do gênero (4). Assim, o procedimento adotado por Bagno pode ser justificado pela definição dada por Bakhtin aos gêneros, os quais são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 268- grifo nosso). E pela defesa de Ceia (s/d) de que “no prefácio é legítimo transgredir, por exemplo, as normas da objetividade características da redação científica, pelo que vários destes textos se assumem como discursos de grande valor literário, didático e/ou polêmico” (s/n). Tal valor literário é visível no texto de Bagno (2010), com enquadramento no universo das representações comparativas e analogias em que a linguagem é quase personificada: “O peixe morto, que pode ser aberto e estripado para se saber o que tem lá dentro, se tornou o objeto do ensino de línguas, quando esse objeto deveria ser o peixe vivo ...” (p. 12). É a linguagem, no sentido da palavra solta, da frase que se tornou durante muito tempo o objeto de línguas, enquanto que o caráter textual é que deveria o ser. A figura de comparação, entre o peixe que é “ser na água” e o ser humano que não existe fora da linguagem, portanto, confere uma perspectiva literária ao texto.

Outro elemento que constitui o aspecto pontual é o uso da (c) repetição da expressão “(e se é que)”, que marca a oralidade, a conversa face a face entre Bagno e seu interlocutor:

[...] o que interessava a eles era descobrir de que maneira (e se é que) a linguagem refletia o funcionamento da alma, que por sua vez (e se é que) refletia o funcionamento do mundo natural, que por sua vez (e se é que) refletia a organização do universo. (BAGNO, 2010, p. 12).

A expressão entre parêntese, junto ao paralelismo sintático (e) dos enunciados dá ênfase, reforça uma reflexão do autor configurada por sequência explicativa, na forma de frase periódica no presente (ADAM, 2011), combinando o “se”, introdutor de uma proposição que expõem um problema com o “é que”, introdutor de uma explicação. Assim, a reflexão, construída por meio do mecanismo de sequenciação, se configura como uma proposta de levar o leitor a refutar as concepções que envolviam a linguagem antes da definição de seu “caráter essencialmente textual” (BAGNO, 2010, p. 11).

No caso da predominância de sequências argumentativas no esquema de composição do texto (5), com o propósito de persuadir o leitor a ler o texto e compreender a linguagem em seu caráter textual, a argumentação vai sendo construída na utilização de esquemas que podem ser interpretados, a partir de Adam (2011), como de dois tipos, o esquema justificativo, e o esquema do diálogo. Exemplo do esquema justificativo:

No entanto, por alguma misteriosa razão, os estudos linguísticos durante quase dois milênios desprezaram esse caráter essencialmente textual da linguagem humana. (BAGNO, 2010, p. 11).

A ideia de que uma frase se sustenta sozinha é uma das inúmeras heranças que recebemos da Antiguidade Clássica. Mas sabemos que os primeiros estudos sobre a linguagem tinham um caráter eminentemente filosófico, metafísico mesmo, pois os filósofos gregos não tinham preocupações linguísticas propriamente ditas... (p. 12).

Nesses trechos, como define Adam (2011, p. 234) a estratégia argumentativa “é dominada pelos conhecimentos colocados”. Bagno apela para os fatos/dados da história dos estudos da linguagem e seu ensino para sustentar a sua tese.

E, o esquema do diálogo ou contra-argumentação (ADAM, 2011), exemplificamos pelo trecho:

Talvez, justamente por ele ser tão íntimo e inevitável quanto respirar, algo que fazemos tão intuitivamente que nunca nos detemos para refletir sobre isso, é que o caráter textual de toda manifestação da linguagem tenha sofrido esse soberano desprezo (BAGNO, 2010, p. 12).

Para justificar porque o caráter textual da linguagem foi deixado de lado por anos, o prefaciante utiliza-se da estratégia de dialogar com o leitor: “fazemos”, “determos”, buscando promover uma reflexão sobre algo que envolve todos os que fazem uso da linguagem, uso que se faz de forma tão natural que pode ser comparado ao ato de respirar. Por isto, “talvez”, os caminhos tomados historicamente tenham sido diferentes daquele que realmente deveria ser.

Esse discurso interativo é formado ainda pelo tempo presente como base, o que confere “um valor de simultaneidade” ao discurso, conforme explica Bronckart (2009, p. 129), uma vez que o momento do processo de construção, tanto do prefácio como da obra prefaciada, é o mesmo que o momento do discurso de Bagno.

Outra estratégia argumentativa é o uso de uma linguagem cheia de certezas, marcadas pelo uso de sequências construídas a partir do verbo de ligação exprimindo estado de permanência:

[...] ser peixe é ser na água (BAGNO, 2010, p. 11).

Com os seres humanos é a mesma coisa (p. 11).

[...] nosso acesso à realidade é mediado por ela de forma tão absoluta que... (p. 11)

[...] o que existe é a tradução que dela nos faz a linguagem... (p. 11)

Ser humano é ser linguagem (p. 11).

O texto é o ambiente natural para qualquer palavra... (p. 12)

É com ela que aprenderemos o que deveria ser óbvio... (12).

O emprego da certeza de que o exposto pelo discurso de Bagno, a respeito da linguagem e seu ensino, consiste em construir valor de verdade sobre as proposições enunciadas, apresentadas como as certas, atestáveis. Procedimento reforçado ainda, no texto, pelo uso de outros modalizadores lógicos, exemplos em destaque:

Mas a comparação com o peixe também pode se aplicar a uma outra dimensão da linguagem, que é a única forma como a linguagem realmente adquire existência... (BAGNO, 2010, p.11 – grifos nosso).

[...] todas essas atividades humanas só se realizam como textos. Só tem linguagem onde tem texto (p. 12 – grifos nosso).

Por isso, só podemos comemorar... (p.12 – grifos nosso).

A forma como a textualidade é constituída reforça a autoridade do autor sobre o assunto tema da obra prefaciada, em um discurso contundente.

4 Considerações finais

Com o objetivo de analisar o prefácio *Sobre peixes e linguagem*, de Marcos Bagno, pautei-me em uma concepção de linguagem na dimensão textual, mas, sobretudo, compreendendo os preceitos de Antunes (2010) para quem nenhuma ação investigativa deve imprimir fórmulas, uma vez que em nenhuma análise de nenhum texto é possível aplicar um modelo absolutamente estável. Todo texto está sujeito as variações que dependem das condições de produção, da intenção comunicativa, do suporte, do campo atividade de linguagem, das decisões do autor, etc. Portanto, as análises tiveram como foco o texto concreto, e por isso os resultados encontrados apresentam particularidades, como, por exemplo, o caráter informal na linguagem empregada pelo autor, o uso de elementos coesivos que envolvem todos os interlocutores como participantes diretos do tema abordado pela obra prefaciada, a construção de um texto com elementos literários que diferem esse texto da construção composicional e estilo relativamente estáveis no gênero textual prefácio.

Espero com esse trabalho ter contribuído, de alguma forma, com professores e profissionais da área dos estudos da linguagem, no sentido de despertar o interesse em analisar e, sobretudo, de ensinar a linguagem em sua dimensão textual, percorrendo, desta forma, o caminho traçado por Bagno e Antunes em seus mais diversos estudos: o caminho do ensino da língua que é usada no dia a dia, nas mais diversas situações comunicativas.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J.P. *A linguística textual: iniciação à análise textual dos discursos*. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANTUNES, I. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BAGNO, M. *Sobre peixes e linguagem*. In: ANTUNES, I. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 4. ed. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2003.
- BRONCKART, J.P. *Atividade de linguagem, textos e discurso: por um Interacionismo Sociodiscursivo*. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2009.

CARGNELUTTI, J. *Uma abordagem discursiva do prefácio do livro didático Português: a constituição de um sujeito autor*. Anais...Porto Alegre. VIII Encontro do CELSUL. Porto Alegre, 2008.

CAVALCANTE, M.M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2013.

CEIA, D. E-Dicionário de termos literários de Carlos Ceia. Disponível em:

<http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=389&Itemid=2>. Acesso em 05/01/2015.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. Roxane Rojo e Gladis Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004, p. 95-129.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, J.L. (org.). *Introdução à Linguística*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 11-24.

Recebido em 30/06/2015

Aceito em 20/10/2015

Anexo I – Sobre peixes e linguagem (Marcos Bagno)

Me ocorre frequentemente a ideia de que nós nos relacionamos com a linguagem assim como os peixes se relacionam com a água. Fora da água, o peixe não existe, toda a sua natureza, seu desenho, seu organismo, seu modo de ser estão indissociavelmente vinculados à água. Outros animais até conseguem sobreviver na água ou se adaptar a ela, como focas, pinguins, sapos e salamandras, que levam uma existência anfíbia. Mas os peixes não: ser peixe é ser na água. Com os seres humanos é a mesma coisa: não existimos fora da linguagem, não conseguimos sequer imaginar o que é não ter linguagem – nosso acesso à realidade é mediado por ela de forma tão absoluta que podemos dizer que para nós a realidade não existe, o que existe é a tradução que dela nos faz a linguagem, implantada em nós de forma tão intrínseca e essencial quanto nossas células e nosso código genético. Ser humano é ser linguagem.

Mas a comparação com o peixe também pode se aplicar a uma outra dimensão da linguagem, que é a única forma como a linguagem realmente adquire existência: a dimensão textual. Abrir a boca para falar, empunhar um instrumento para grafar o que quer que seja, ativar a memória, raciocinar, sonhar, esquecer... todas essas atividades humanas só se realizam como textos. Só tem linguagem onde tem texto. No entanto, por alguma misteriosa razão, os estudos linguísticos durante quase dois milênios desprezaram esse caráter essencialmente textual da linguagem humana. Talvez justamente por ele ser tão íntimo e inevitável quanto respirar, algo que fazemos tão intuitivamente que nunca nos detemos para refletir sobre isso, é que o caráter textual de toda manifestação da linguagem tenha sofrido esse soberano desprezo. E as consequências desse desprezo, para a educação, configuram a tragédia pedagógica que tão bem conhecemos: a redução do estudo da língua, na escola, à palavra solta e à frase isolada.

Uma palavra solta, uma frase isolada são um peixe fora d'água. O texto é o ambiente natural para qualquer palavra, qualquer frase. Fora do texto, a palavra sufoca, a frase estrebucha e morre. E como pode o peixe vivo viver fora da água fria?

A ideia de que uma frase se sustenta sozinha é uma das inúmeras heranças que recebemos da Antiguidade clássica. Mas sabemos que os primeiros estudos sobre a linguagem

tinham um caráter eminentemente filosófico, metafísico mesmo, pois os filósofos gregos não tinham preocupações linguísticas propriamente ditas, muitos menos preocupações didáticas: o que interessava a eles era descobrir de que maneira (e se é que) a linguagem refletia o funcionamento da alma, que por sua vez (e se é que) refletia o funcionamento do mundo natural, que por sua vez (e se é que) refletia a organização do universo. Para isso, bastava a frase, a sentença isolada, o *autotelos logos*, ou seja, o enunciado completo em si mesmo, porque sua estrutura mínima servia aos propósitos da investigação metafísica. O desastre se opera quando essa autossuficiência (suposta) da frase isolada é transferida para os estudos da língua em si mesma e, pior ainda, para o ensino da língua. O peixe morto, que pode ser aberto e estripado para se saber o que tem lá dentro, se tornou o objeto do ensino de línguas, quando esse objeto deveria ser o peixe vivo e bulindo, em cardume, dentro de seu ambiente natural, líquido, aquoso: lago, lagoa, riacho, rio, praia, alto-mar – a água-texto.

Irané Antunes, incansável defensora dos peixes vivos, prossegue aqui em sua luta contra o uso do peixe morto, estripado e malcheiroso, que ainda infecta o nosso ensino de línguas, em pleno século XXI. É com ela que aprendemos o que deveria ser óbvio: que ensinar línguas não é pescar, mas mergulhar na água do texto e nadar entre os peixes. Deveria ser óbvio, mas não é. Por isso, só podemos comemorar, aplaudir e agradecer mais esse manifesto em defesa da linguagem, da língua e do texto que, na água vivificada pelo espírito humano, são uma coisa só!